

A MALDIÇÃO DA FIGUEIRA

Dinarte Francisco Pereira Nunes de Andrade

Muitas passagens da Bíblia soam inverossímeis e até, não raro, conflitam com outras, o que pode levar muitos leitores à descrença. É o caso da maldição da figueira, em que Jesus teria secado a árvore por não ter encontrado fruto nela (Mateus 21:19; Marcos 11:13-14).

Enquanto para muitas religiões cristãs tradicionais a Bíblia é considerada literalmente a palavra de Deus, para a Doutrina Espírita é um conjunto de relatos, muitos deles de caráter nitidamente mediúnico, e que trazem não somente informações sobre a história do povo judeu, principalmente no Antigo Testamento, como também revelações de caráter religioso da espiritualidade superior. O Novo Testamento, ao ser escrito, deve seguramente ter tido a inspiração desta espiritualidade, o que não quer dizer que isto tenha isentado os textos de incorreções e até de inserções espúrias, feitas no transcorrer dos anos, de forma a atender interesses doutrinários da igreja nascente.

Por isto, podemos afirmar que a leitura dos evangelhos e do restante da Bíblia deve ser feita com cuidado, sem querermos interpretar tudo ao pé-da-letra.

Além das já citadas adulterações, várias outras razões nos levam a ter que tomar tal cuidado, dentre as quais destacamos, a título de exemplo:

1. **más traduções** como Mar Vermelho em vez do correto Mar dos Juncos, erro de grafia da palavra inglesa 'red' (vermelho) em vez de 'reed' (junco), na primeira tradução feita para o inglês, a chamada Bíblia do Rei James;ⁱ
2. **deturpações intencionais** das palavras ou dos sentidos originais com a intenção consciente de adulterar. É o caso, parece-nos, de Levítico 19:31, que em geral é traduzido por "*não vos dirijais aos magos nem interrogueis os adivinhos, para que não vos contamineis com eles*"; na tradução realizada para a 35ª edição da Bíblia feita pelo centro Bíblico Católico Editora Ave Maria, a palavra '**magos**' é trocada por '**espíritas**' – a tradução correta do hebraico seria '**necromantes**', e não '**magos**', nem muito menos '**espíritas**'. O mesmo ocorre em Levítico 20:6 em que novamente '**necromante**' se transforma em '**médiuns espíritas**' para os Testemunhas de Jeová! – estes são exemplos de prováveis más intenções não tão ocultas.ⁱⁱ
3. **deturpações não intencionais**. No mesmo Levítico 20:6 a palavra 'prostituir-se' – melhor entendida no sentido geral de 'degradar-se, corromper-se', é às vezes traduzida por 'fornicar', 'ter relações imorais' – aí parece haver somente má tradução, influenciada pelo preconceito contra a sexualidade que se desenvolveu no Cristianismo durante a Idade Média; o degradar-se, corromper-se, pode ser entendido como uma traição a Deus, pela consulta a ídolos, com objetivos pouco nobres ou contrários à religião judaica.
4. **interpretação errada** de uma parábola como sendo um fato real. Parábola é uma '*narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior*'.ⁱⁱⁱ A palavra hebraica '*mashal*' possui um sentido mais amplo do que 'parábola', o que pode revelar como os discípulos de Jesus entendiam tais ditos: '*mashal*' significa também um provérbio ou, mais genericamente, uma representação condensada de sabedoria; as parábolas não eram usadas como simples complementos dos ensinamentos de Jesus, mas representavam em si a sua própria essência, eram uma parte integrante deles – por isto não é de surpreender que pudessem ser confundidas com fatos, tal o sentido de realidade que possuíam.^{iv}

Corroborando o que dissemos, Kardec, no Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXIII, item 3, nos diz a respeito de algumas passagens evangélicas conflituosas: "*Certas palavras, muito raras, de resto, fazem um contraste tão estranho na boca do Cristo que, instintivamente, se rejeita*

seu sentido literal, e a sublimidade de sua doutrina não sofre com isso nenhum prejuízo. Escritas depois de sua morte, uma vez que nenhum evangelho foi escrito durante sua vida, é lícito crer que, nesse caso, o fundo do seu pensamento não foi bem exprimido, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo pôde sofrer alguma alteração, passando de uma língua para outra. Bastaria que um erro fosse feito uma primeira vez, para que tivesse sido repetido nas reproduções, como se vê, tão freqüentemente, nos fatos históricos”(grifo nosso).

Vejam os então como interpretar a maldição da figueira, de forma a evitar-se tais conflitos. Esta passagem se enquadra provavelmente na quarta causa de erro: é uma parábola confundida com um acontecimento. Ela consta de Mateus 21:19, referindo-se a Jesus: *“e, avistando uma figueira perto do caminho, dirigiu-se a ela, e não achou nela senão folhas. E disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente”*.

Em Marcos 11:13-14, se lê praticamente a mesma história, mas com uma ligeira porém importante variação – aí a condenação é para que **não se comam mais frutos da figueira**, e não para que ela, coitada, fique estéril o resto da vida: *“E, vendo ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos. E Jesus, falando, disse à figueira: Nunca mais coma alguém fruto de ti. E os seus discípulos ouviram isto.”* Observe-se ainda o detalhe narrado de que **não estava em tempo de figo!**

A repetição da mesma história em Mateus e Marcos não deve servir como ‘comprovação’ de que ela provavelmente seria real, pois hoje se sabe com razoável certeza que Mateus e Lucas copiaram parte de seus evangelhos de Marcos, no que se refere a narrativas de fatos e, no que se refere a sentenças ou ditos de Jesus, de uma outra fonte primitiva, o chamado ‘Evangelho de Q’ (da palavra alemã “quelle – fonte”), que consta hoje diluído, por assim dizer, nos próprios evangelhos sinóticos.^v

O absurdo da narrativa é evidente: Jesus jamais amaldiçoaria um vegetal por não lhe dar frutos, ainda mais sabendo que cumpria fielmente a lei da natureza, pois que não era tempo! Qual significado poder-se-ia tirar de tal passagem, se a considerássemos real? Somente que Jesus era um sujeito irascível e sem bom senso, um homem mimado, que não se conformava em ver negado o desejo de comer figos, mesmo sem ser sua época! E mais, que quis se exibir para os apóstolos, fazendo a figueira secar, ainda que para ensinar-lhes o valor da fé (Mateus 21:20-22).

Na Bíblia católica das Edições Paulinas, este incidente com a figueira é interpretado como fato, e há uma explicação que se limita a justificar Jesus estar procurando figos fora de época, dizendo que apesar disto podia haver algum fruto temporão. Mas reconhece que há um sentido profundo na história, só que a interpreta com antijudaísmo, dizendo que *“a figueira era símbolo do povo judeu, todo folhas, mas sem frutos”*.^{vi} Esta é uma interpretação preconceituosa. Não me parece que Jesus fosse contra o seu povo, mas apenas contra os desvios religiosos que ocorriam por parte da classe sacerdotal de então.

Então, o mais provável é que realmente se trate de uma parábola, o que é praticamente comprovado pelo fato de uma passagem muito semelhante aparecer em Lucas 13:6-9: *“E dizia esta parábola: Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi procurar nela fruto, não o achando. E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não o acho. Corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente?” “E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixe-a este ano, até que eu a escave e esterque; E, se der fruto, ficará e, se não, depois a mandarás cortar”*.

Importante é perceber o sentido íntimo da narrativa em contraposição ao aparente. Vejam os então que se observa uma moral na história, bem de acordo, agora, com os ensinamentos do mestre.

Consideremos assim a figueira como as igrejas e religiões cristãs cujos frutos devem ser a disseminação do verdadeiro evangelho de Jesus. O dono da vinha seria o próprio Deus; Jesus seria o

vinhateiro – se as árvores não dessem bons frutos, mesmo depois de tratadas, que fossem então cortadas. Ou seja, é mister que se tente corrigir os desvios do ensinamento do evangelho que aquela igreja ou religião tenha deturpado. Enquanto isto, como disse Marcos, que ninguém coma dos frutos falsos produzidos pelas más doutrinas. Se, depois de dada a chance, ainda assim aquela igreja ou religião não produzir uma evangelização correta, então que seja eliminada e que ninguém possa se deixar enganar por seus falsos ensinamentos.

Ainda que o bom senso nos mostre que assim deve ser, convém termos um grande cuidado para não nos julgarmos detentores da verdade e em condições de dizer qual igreja ou religião está certa ou errada.

Temos que considerar também que cada religião atende a necessidades específicas de seus fiéis: assim, quem necessita de rituais pomposos, poderá encontrá-los nas Igreja Católica e na Ortodoxa; quem prefere cerimônias mais simples e pregações inflamadas, as terá nas igrejas evangélicas, etc.

Por outro lado, os dogmas de fé que cada uma apresenta talvez sejam ainda necessários para seus seguidores e nem por isto estes devem ser considerados infantis espiritualmente falando!

Enfim, para nossa própria orientação e uso, se quisermos fazer uma apreciação desta ou daquela religião, que a façamos pela intenção de seus pregadores e, principalmente, verificando se seus ensinamentos e práticas estão de acordo com os mandamentos máximos ensinados por Jesus: “*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*”. No mais, apreciemo-la em relação às nossas próprias convicções e tendências religiosas, buscando de preferência as semelhanças que unem e não as diferenças que separam, mantendo sempre uma atitude de respeito sem preconceitos, mas não necessariamente de adesão.

Vila Velha, 03 de novembro de 2005

ⁱ **Keller**, Werner, *...e a Bíblia tinha razão*, São Paulo, Círculo do Livro S.A., 1978, Trad. João Távora, p. 146; **Armstrong**, Karen, *Uma História de Deus – quatro milênio de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo*, 1.^a ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994, Trad. Marcos Santarrita, p. 30

ⁱⁱ **Silva**, Severino Celestino da, *Analisando as Traduções Bíblicas*, 2.^a ed., João Pessoa, PB, Editora Núcleo Espírita bom Samaritano, 2000, p. 69 a 71.

ⁱⁱⁱ **Ferreira**, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1.^a ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S.A., 1975.

^{iv} **Welburn**, Andrew, *As origens do Cristianismo*, São Paulo, Ed. Best Seller, 1991. Trad. Theresa Monteiro Deutsch e Maria Cristina Fernandes, p. 215.

^v **Mack**, Burton L., *O Evangelho Perdido: O Livro de Q e as Origens Cristãs*, s. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1994, Trad. Sérgio Alcides.

^{vi} **Bíblia Sagrada**, São Paulo, Edições Paulinas, 1989, Trad. da Vulgata pelo Pe. Matos Soares.